

## **A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO: UMA EXPERIÊNCIA COM A LEITURA NO ENSINO MÉDIO.**

**Autora:** Karla Geane de Oliveira Souza - Formada em Letras pela Universidade Potiguar (UnP) – em Natal-RN, professora da Escola Estadual Rui Barbosa e do Colégio Municipal Rita Juventina de Souza – Ruy Barbosa-RN.

**Resumo:** Trata-se da realização de uma experiência com a leitura crítica no ensino médio, objetivando a formação do leitor criativo e crítico, capaz de utilizar a leitura em favor da sua formação moral, sócio-cultural e intelectual com vistas a integrar a vida social e o mercado de trabalho. Para tanto, operou-se sob bases teóricas que subsidiam o tema e proporcionam teorias capazes de nortear a prática pedagógica do professor. Utilizou-se ainda uma metodologia coesa com a realidade tanto do aluno quanto da escola em que a experiência foi realizada, partindo de uma diversificada gama de gêneros textuais e perpassando estratégias de leitura que tinham como foco principal o desenvolvimento cognitivo dos estudantes envolvidos e finalizando com a análise e comparação dos dados coletados que posteriormente servirão como base para que a leitura se transforme em prática habitual dentro das nossas escolas e também na vida de cada indivíduo que almeja uma formação cidadã crítica. Os resultados coletados através de entrevistas, após a realização desta experiência e através da observação realizada durante a experiência, demonstraram que pela falta de uma prática eficaz, o aluno pesquisado, não demonstra habilidades com a realização de um tipo de leitura que vai além da decodificação de palavras e frases, constatando-se que formar um leitor crítico não depende só de colocar o aluno para ler, mas sim para praticar constantemente a leitura dos vários textos que circulam socialmente e extrair deles o conteúdo mais significativo.

**Palavras-chave:** Leitura; Reflexão; Ação; Educação.

### **1. INTRODUÇÃO**

A situação do trabalho com a leitura é das mais discutidas no âmbito educacional.

Os questionamentos comumente feitos são: É possível a escola ensinar a ler? Qual a importância da leitura para a formação cidadã dos estudantes? O que estamos levando para a sala de aula, em se tratando de leitura ou não, contribui para a formação do leitor crítico e reflexivo?

Estas preocupações têm se manifestado nos últimos tempos em ações que, de alguma forma, objetivam oferecer suporte ao ensino de leitura nas escolas.

Mesmo com o final da ditadura e a liberdade de imprensa, ainda não se reproduz nos espaços escolares uma leitura voltada para a compreensão da essência do texto, para o estabelecimento da relação leitura e leitor e para a explicitação da necessidade maior das práticas de leitura, que é a compreensão das raízes históricas e suas contradições e a busca pela realização de ações concretas em uma sociedade na qual os direitos ainda são privilégios de alguns.

Partindo-se do princípio da urgência de se apresentar para os estudantes uma leitura que norteie seu posicionamento e que seja capaz de resultar no leitor que não apenas

decodifica códigos, mas compreende a essência do texto, estabelecendo relações com o autor do mesmo e preenchendo as lacunas que possivelmente possam surgir no ato de ler, é que se realizou uma experiência com a leitura crítica no ensino médio, visando conseqüentemente constatar o saber e o fazer desses sujeitos em sala de aula frente à leitura.

A mesma se processou em uma turma de 40 alunos do primeiro ano do ensino médio, de faixa etária entre 15 e 18 anos de idade.

Desse modo, desenvolveu-se um trabalho junto ao aluno que procurou dar a leitura a relevância necessária, oportunizando ao mesmo criar hipóteses sobre a estrutura da mesma, a partir de textos que possam se tornar fontes inesgotáveis de conhecimento, esculpindo seu significado com estilo e clareza e colocando em foco os principais conflitos que cercam a existência humana, essenciais para a formação competente do leitor crítico.

Resultando na compreensão de que os estudantes com os quais realizou-se a experiência, não se encontram aptos para desenvolver leituras críticas de textos, pela falta de uma prática constante de atividades desta natureza, o que faz com que aumente a responsabilidade do educador, no que compete a formação do leitor, para desenvolver um trabalho significativo neste sentido, e contribuir com a formação de um leitor crítico, que lê e entende o que foi lido.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O nosso ensino médio, nos termos da Lei, de sua regulamentação e encaminhamento, deixa portanto de ser apenas preparatório para o ensino superior ou estritamente profissionalizante, para assumir a responsabilidade de completar a educação “básica”. Em qualquer de suas modalidades, isso significa preparar para a vida, qualificar para a cidadania e capacitar para o aprendizado permanente, seja no eventual prosseguimento dos estudos, seja no mundo do trabalho. Brasil (A)

A reformulação do ensino médio no Brasil é uma questão em torno da qual, estão centralizadas inúmeras discussões, visando a diminuição das desigualdades sócio-culturais entre os estudantes dessa modalidade de ensino e a formação de um cidadão mais crítico, reflexivo e capaz de atuar na sociedade em seu favor, considerando os valores éticos, morais e sociais norteadores da convivência em grupo.

Estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, regulamentada em 1998 pelas Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, essa reforma procurou atender as necessidades de atualizar a educação básica de maneira que o ensino médio não se configurasse apenas como

um elo entre o ensino fundamental e o ensino superior, tão pouco fosse apenas preparatório para colocar os estudantes no mercado de trabalho.

Dessa forma, o que se propõe é o ensino médio como etapa final da educação básica, que deve garantir além da aquisição de conteúdos programáticos essenciais para a contextualização dos conhecimentos científicos, uma formação crítico-social para dar ao jovem, condições de enfrentar o mundo lá fora com mais firmeza.

Dividido por áreas de conhecimentos, o ensino médio encontra-se assim organizado: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que nos deteremos mais especificamente a partir daqui, por tratar-se da área que envolve a Língua Portuguesa.

De acordo com Kuenzer (2002, p. 101), “Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas.”

Assim sendo, leitura, escrita e fala, são atividades que devem promover a formação do sujeito crítico e reflexivo, uma vez que é através do desenvolvimento dessas habilidades que os estudantes podem posicionar-se em situações, sejam elas cotidianas ou não, com autonomia e em seu benefício.

Ler, escrever e falar são atividades com as quais o educando está em contato permanente, seja em casa, na comunidade ou na sala de aula.

No entanto, cabe a escola a tarefa de oportunizar ao estudante situações de ensino-aprendizagem que contextualizem os conhecimentos que os mesmos já trazem quando chegam a escola e os que vão adquirindo nas aulas, sem que haja ruptura.

Dessa forma, decidiu-se realizar uma experiência com a Leitura na sala de aula do primeiro ano do ensino médio, por verificar-se que estes alunos apresentam índices baixíssimos em se tratando de leitura e compreensão do que foi lido, ficando apenas na superficialidade do texto sem que alcancem a sua estrutura profunda, ou seja, a mensagem que o autor transmite através de determinados grupos de vocabulários.

Esta experiência situa-se numa perspectiva de trabalho com a leitura crítica no ensino médio, tendo como foco a formação do leitor crítico.

Para Foucault (1994), o leitor é aquele que se sente comprometido com o seu estar no mundo e com a sua transformação, bem como a transformação dos outros e das coisas, ser leitor é compreender.

De início, pretende-se operar dentro de bases teóricas que abordem a leitura crítica, o ato de ler, e a formação do leitor crítico. Almeja-se, portanto trabalhar, dentro das limitações disciplinares, o que não descarta a possibilidade de buscar elementos teóricos em outras disciplinas.

Toma-se como base, autores que investigam a situação da leitura e a contribuição da mesma para a formação do indivíduo crítico e atuante em sociedade.

Em se tratando de leitura, Silva (1991, p. 79-80) afirma que “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”.

Corroborando com a citação, a leitura é uma atividade que pode contribuir para a formação do sujeito e também determina a sua condição de atuante ou não no seu meio sócio-cultural.

Por isso, é mister desenvolver um trabalho que garanta ao aluno leitor, situações de aprendizagem voltadas para o caráter libertador do ato de ler em que “o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar”. Silva (idem, p. 80).

Construir significado para o texto é tão somente compreendê-lo, tarefa que não se constitui com tanta facilidade em se tratando da leitura de textos em sala de aula.

Para tanto, se faz necessário adotar práticas que priorizem em vez de fórmulas decoradas, o entendimento e a compreensão do que está sendo ensinado e conseqüentemente adote posturas que possibilitem fazer uso, desse conhecimento na vida prática, uma vez que tão importante quanto aprender a compreender é utilizar essa compreensão para se tornar uma pessoa apta a exercer sua cidadania e a fazer parte do mundo e do mercado de trabalho.

Ainda em Silva (op. cit.), observa-se que “o leitor crítico, movido por sua intencionalidade, desvela o significado pretendido pelo autor (emissor), mas não permanece nesse nível – ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade”.

A criticidade que deve acompanhar o leitor é que faz com que o mesmo possa compreender as entrelinhas do que está escrito, ou seja, faz com que a pessoa que está lendo

possa posicionar-se com mais firmeza, sendo fiel à mensagem do texto, discutindo-o com suas idéias e eliminando suposições.

Segundo Kuenzer (op. cit.), “Ler significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção.”

Portanto, a leitura crítica é geradora de significados, em que ao ler, o leitor cria seu próprio texto com base no que foi lido, concordando ou discordando da idéia principal, isto faz com que seja diferenciada da decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações que por muito tempo foi considerada como interpretação textual, virando prática habitual nas aulas de Língua Portuguesa a cópia de fragmentos do texto, para servir de resposta aos questionamentos feitos a respeito do que estava escrito.

De acordo com Brandão e Michelitti apud. Chiappini (1998, p. 22), “[...] a leitura, compreendida não só como leitura da palavra mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de inteligir o mundo e nele atuar como cidadãos”.

Dessa forma, não se deve apresentar para o aluno uma leitura estética que se centre no sentido primeiro das palavras, mas sim uma leitura que abra lacunas, que oportunize ao leitor, criar e recriar a partir do que foi lido.

Assim sendo, o trabalho com esse tipo de leitura pressupõe a formação de um leitor crítico e reflexivo e capaz de agir e interagir em sociedade, sensibilizados dos seus direitos e deveres e preparado para intervir no seu meio quando se fizer necessário.

Entretanto, formar um leitor crítico é tarefa principal de um professor que também se encaixe nesse perfil, não sendo possível ao docente que não tem esse domínio, exigir do seu aluno algo que ele próprio ainda não utiliza ou não é capaz de fazer com autonomia.

Para Brandão e Michelitti apud. Chiappini (idem, p. 17) “O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra.”

Compreende-se então que ler não é uma tarefa fácil, uma vez que se trata de capacidades humanas que muitas vezes encontram-se adormecidas, e reavivá-las requer tempo e estratégias atrativas o suficiente para atrair o leitor.

Para tanto, um texto não pode ser compreendido como algo pronto e acabado, pelo contrário, deve ser entendido como uma estrutura em acabamento, com lacunas, e que necessita que alguém o complete e atribua um caráter significativo.

Prosseguindo, Brandão e Michelitti apud. Chiappini (idem, p. 18) comentaram que “Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura, se o leitor é aquele que vai fazer “funcionar” o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.”

Nesse caso, o leitor precisa ser visto como peça fundamental no processo de leitura e na interação leitor/texto, visto que é ele quem vai ler as entrelinhas e é para ele que o autor está produzindo.

Assim, o trabalho com a leitura crítica na sala de aula bem como a formação do leitor crítico deve ser entendida, como um processo de construção de significados em que o estudante encontra-se mediante a possibilidade de passar para uma nova forma de encarar a leitura, de perceber que em língua portuguesa não só as normas e regras gramaticais constituem o conteúdo curricular para esta disciplina.

Frente a essa situação, o aluno está diante de múltiplas possibilidades do aprendizado da leitura. Defronta-se com o concreto, as formas tradicionais com as quais a escola trabalha e também com a construção do significado e o exercício do pensar, que aos poucos pretende contagiar toda comunidade estudantil em se tratando de leitura e análise crítica de textos.

O trabalho com a leitura de forma crítica na sala de aula, deve apresentar-se interligado com as demais atividades propostas em outras disciplinas, não devendo ser a responsabilidade nem só do professor e da disciplina de língua portuguesa.

Assim, Brasil (B) (2002, p. 140) afirma que a escola, em suas disciplinas, deve “Relacionar os discursos com contextos sócio-históricos, ideologias, simulacros e pensar os discursos em sua intertextualidade podem relevar a diversidade do pensamento humano”.

Essa postura, proporciona um ensino-aprendizagem mais contextualizado e voltado para o desenvolvimento do raciocínio crítico do estudante em qualquer uma das áreas de conhecimentos.

Em Mota (1994) observa-se que quando a leitura apresenta-se como uma necessidade, um gosto e desperta o prazer, o estudante absorve e aprende cada vez mais além de desenvolver suas competências leitoras dentro e fora da escola.

Por isso é que “A prática da leitura na escola precisa se assemelhar à prática da leitura fora da escola”. Veliago (1999, p. 50).

Nessa concepção, a escola precisa rever seus conceitos e ter definido que tipo de leitor quer formar e que tipo de Leitura está disponibilizando para seus alunos a fim de que se tornem leitores críticos.

Preparar a escola para o trabalho com a leitura crítica e a formação do leitor crítico, deve ser o primeiro passo a ser dado para um trabalho dessa natureza.

Ainda enraizada na cultura tradicional do ensino mecânico, memorizador e limitado, nossas escolas tentam reproduzir em seus espaços a liberdade de expressão, mas até então não tem surtido o efeito esperado, uma vez que também o aluno acomodou-se.

Frente às novas exigências educacionais, a questão da leitura na escola vem ganhando espaço privilegiado nas discussões entre os educadores, o que já pode ser considerado um avanço.

Pelo fato de não se ter uma “prova” de leitura, atribuindo uma nota ao final do bimestre, os estudantes ainda não dão a mesma o significado e a atenção merecida.

Começa-se então uma luta pela valorização da leitura e do ato de ler que pode começar na sala de aula, passar pela escola e repercutir no meio sócio-cultural que o estudante está inserido.

Essa luta pode chegar ainda a sensibilização dos leitores diante da necessidade de ler e compreender o que se está lendo. Uma vez que terá significância para a vida e para o trabalho.

Para Kleiman (1998, p. 61)

O ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.

De acordo com a autora acima mencionada, se o trabalho com a leitura na sala de aula não tiver embasado em uma concepção bem definida de leitura, ou seja, se o professor e a escola não tiverem teoria suficientes e objetivos bem definidos acerca do que pretendem

através desse trabalho, o mesmo corre o risco de não se configurar em si, e também pode tomar outros rumos, distanciando-se do que se pretende que é utilizar a leitura para formar cidadãos cada vez mais críticos e reflexivos.

Assim, ao iniciar um trabalho dessa natureza os modelos de leitura precisam estar refletidos nas atividades e ações que desencadearão o aprendizado dos alunos, uma vez que esses modelos, trazem-nos os pensamentos filosóficos de uma determinada época, bem como o processo educacional e as práticas habituais que se costumava utilizar no fazer pedagógico da sala de aula.

Pressupondo-se que no ensino fundamental os estudantes não estiveram em contato com atividades envolvendo a leitura, centrada em concepções definidas que focalizam a formação do leitor crítico e o despertar para o ato de ler, para compreender e gerar significado, sem se deter apenas ao que o autor quis dizer, mas complementando e recriando o sentido do que foi escrito “cabe ao ensino médio oferecer aos estudantes oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nessa língua [...]” Brasil (A) (2002, p. 55).

Dentre esses mecanismos, a leitura configura-se como essencial, uma vez que proporciona aos sujeitos que a realizam conhecimentos, tanto acerca da língua e seus elementos constitutivos quanto a conhecimentos relativos a vida social, cultural e principalmente no que compete aos saberes científicos.

Considerando as competências e habilidades propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, “o ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão lingüística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura”. Brasil (A) (op. cit.).

Pelo que é possível perceber, a leitura está presente nas mais diversas situações da vida do ser humano e cada vez mais se faz necessário explorá-la em sala de aula, utilizando mecanismos que desperte o senso crítico do aluno e deixe de ser encarada como atividade sem significado para o aprendizado dos estudantes.

Ler compreensivamente é utilizar uma prática que precisa ganhar cada vez mais espaço nas escolas e fora dela, pois é através desse ato que o indivíduo compreende o mundo e a sua maneira de nele atuar como cidadão, sensibilizado dos seus direitos e deveres.

Para isso, é mister considerar o que afirma Brandão e Michelitti apud. Chiappini (idem, p. 22)

A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado, de aguçada criticidade, que, num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (lingüísticos, textuais e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limite à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas.

Dessa forma, o ponto de partida para uma leitura verdadeiramente significativa é a formação do leitor crítico, sensibilizado da sua responsabilidade diante do ato de ler e da realização de uma leitura compreensiva.

Frente às exigências cada vez mais criteriosas diante da formação do cidadão para agir e interagir em seu meio social, entende-se que o valor da leitura é primordial, principalmente diante dos números cada vez mais crescentes que mostram uma realidade dura em que a compreensão do que é lido nem sempre acompanha o que está sendo lido.

Não se pode deixar de considerar também que a leitura está intimamente relacionada com as questões sociais, culturais e econômicas nas quais o leitor está inserido.

Assim sendo, estudantes oriundos de um universo não letrado, que não tem contato com uma diversificada gama de gêneros textuais, nunca leram um livro ou nem sequer ouvem rádio e assistem televisão, apresentam dificuldades em relação ao ato de ler e compreender determinados textos, que outros estudantes, os quais fazem parte de um ambiente, que mesmo sem muita intencionalidade, circulam jornais, revistas, livros e a mídia, não apresentam. Principalmente na questão da contextualização do conteúdo que está sendo lido, e na sua relação de significado com a realidade.

É também propício que a leitura se constitua dentro da sala de aula e principalmente da escola como uma prática social que deve ser utilizada com diferentes funções.

Desse modo, os estudantes podem perceber que precisam ler não somente para compreender, mas também para se comunicarem, adquirir conhecimentos, ampliar os horizontes em relação ao mundo e as questões inerentes ao seu bem estar social.

A leitura, então, se configura como uma necessidade básica na vida de cada um que pode ser produtiva para enriquecer as relações interpessoais dentro do seu grupo ou até mesmo no mercado de trabalho.

Diante dessa necessidade presente no meio educacional, diversos programas do Governo Federal tentam trazer para a escola uma oportunidade de se constituir na prática um leitor realmente compreensivo e crítico, e traz para as salas de aulas obras que colocam o aluno em contato com materiais de qualidade, que se bem explorados resultam positivamente, como é o caso do programa Literatura em minha casa, que distribui entre os alunos do ensino fundamental, livros de literatura infanto-juvenil que contemplam peças de teatro, poesias, contos, novelas e narrativas de autores consagrados de nossa literatura.

Também organizações não governamentais engajam-se em distribuição de livros e tentam atribuir a leitura um caráter lúdico, visando prender a atenção do aluno-leitor.

Todas as contribuições nesse âmbito são válidas, desde que não desvie a leitura do seu objetivo principal que é a compreensão e a estimulação da criatividade e da criticidade do leitor.

Nesse contexto, não podemos dizer o mesmo a respeito do livro didático que acompanha o aluno desde as séries iniciais e hoje circula também entre os alunos do ensino médio.

Trata-se de livros de Língua Portuguesa, que na maior parte das vezes contemplam com mais veemência a gramática e a ortografia deixando a leitura e a análise textual para segundo plano.

Em geral, os textos apresentados nesses tipos de livros fogem totalmente da realidade social na qual nossos alunos estão inseridos, utilizando contextos urbanos e quando fazem referência as questões rurais trabalham com suposições que em nada se encaixa ou parece com a realidade vivenciada pelos estudantes que vão utilizá-lo, tornando difícil a compreensão de determinados assuntos.

Com a reforma do Ensino Médio e a divisão das disciplinas por áreas como já se citou anteriormente, surgiu também a tentativa de contextualizar o livro didático de Língua Portuguesa.

Essa contextualização resultou em um trabalho plausível, se não fosse o nível fora da realidade dos estudantes. Tal tentativa afastou ainda mais o educando do uso habitual desse material, pelo fato de que para entender os conteúdos precisa ler cada vez mais e aí chega no

ponto chave que boa parte dos jovens não gostam de ler, e sentem-se diante da necessidade o que torna a coisa cada vez mais difícil.

Para Luckesi (1994, p. 144),

O livro didático, de forma alguma, deve ser instrumento descartável no processo de ensino. Ele é um instrumento importante, desde que tem a possibilidade de registrar e manter registrado, com fidelidade e permanência a mensagem. O que está escrito permanece escrito; não é tão perecível quanto a memória viva.

Tomando como base o ensino e a aprendizagem da leitura crítica, bem como a formação do leitor competente, o livro didático não pode ausentar-se desse processo, principalmente pelo fato de ser, em alguns casos, o único material a esse respeito que o aluno dispõe em casa e até mesmo na escola.

Cabe então ao professor, utilizar o mais significativamente possível os textos abordados por este tipo de livro, considerando o que o aluno sabe e o que pode aprender com a contribuição desse documento.

O desenvolvimento de ações que viabilizem a formação do leitor crítico é fundamental, principalmente entre os jovens que cursam essa modalidade de ensino, pelo fato de poderem estar adquirindo mais segurança na leitura e também tomando gosto pelo ato de ler.

E para tanto, é fundamental que o professor sirva de modelo, mostrando-se leitor ativo e compreensivo, para que possa mediar o processo de interação entre seus alunos e o universo letrado que envolve a leitura.

Pode-se afirmar que formar um leitor crítico não é uma tarefa fácil, entretanto fica claro que se trata de algo extremamente significativo para o aluno.

Mesmo com tantas mudanças, o currículo do ensino médio ainda contempla disciplinas que abordam conteúdos, que para uma camada razoável dos educandos não tem significado e nem tem reflexos na sua vida cotidiana.

Já a leitura não. A mesma é um tipo de conhecimento que o aluno vai ter consigo e precisa para a vida toda e sempre com a certeza de que quanto mais praticá-la, mais irá aprender e crescer como cidadão e como ser humano.

É algo em que o estudante pode apoiar-se, serve de base não só para a disciplina de Língua Portuguesa, mas também para todas as outras.

Assim sendo, a leitura contribui não somente para a formação intelectual do indivíduo, mas para a formação moral e cultural, sendo um conhecimento de base para todos os outros que pode vir a adquirir ao longo da vida, além de servir também de entretenimento e prazer.

Mas é função da escola ensinar esse tipo de leitura? Cabe ao professor preocupar-se em estar formando seus alunos sob estes paradigmas?

Os interesses da escola devem caminhar paralelamente aos interesses do professor e vice-versa, com o intuito sempre de passar para o aluno o que é mais significativo e o que vai ter valor na vida prática dos mesmos. Principalmente em se tratando de alunos que dispõem de pouco tempo para estudar, pois trabalham, ou que faz muitos anos que estão fora da sala de aula e precisam recuperar o tempo perdido.

Na verdade, o que se almeja alcançar do trabalho com a leitura crítica no ensino médio é um leitor “que seja capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-lo reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender seu mundo e seu semelhante. Cabe a escola o desafio da formação desse leitor” Brandão e Michelitti apud. Chiappini (op. cit.).

A formação do leitor que se constitui atualmente nos nossos ambientes escolares, precisa ser analisada sob a ótica das concepções de leitura que viabilizam um trabalho voltado para o raciocínio, o pensar e o compreender.

Se o que se quer do ensino-aprendizagem é formar um cidadão capaz de participar ativamente das decisões do seu meio, de maneira a contagiar positivamente os que dele dependem, precisa iniciar pelo que faz desse indivíduo alguém crítico e criativo o suficiente, capaz de destacar-se pela compreensão do mundo que o rodeia e também pela forma como atua quando se faz necessário colocar em prática essa compreensão, para defender seus direitos e reavivar seus deveres. Precisa-se iniciar então, pela experimentação do trabalho com a leitura, compreensão e formação do leitor, cidadão crítico e sensibilizado do seu papel social.

Partindo do ponto de vista de que “o verbo ler não suporta imperativo” (PENNAC, 1993, p. 13), a leitura não deve ser encarada nem pelo professor nem pelo aluno como uma obrigação, um dever, e sim como uma atividade prazerosa.

Para tanto, o professor deve demonstrar paixão pela mesma e apresentá-la como fundamental para a formação intelectual dos educandos.

Necessário de faz também, que o professor sinta-se contagiado e que esteja familiarizado com o tipo de leitura que vai sugerir.

Assim, fazer uma experiência em aulas de Língua Portuguesa, utilizando a leitura crítica de textos, por acreditar-se que é um meio viável para a formação do leitor crítico e atuante no seu meio; depende também da disponibilidade da escola, para aceitar um trabalho desta natureza.

Observou-se que esse tipo de leitura desde muito cedo, contribui para a formação de competências leitoras eficazes e que se este fato não ocorrer, nunca é tarde demais para começar, sendo o ensino médio uma fase ideal para que esse tipo de leitura seja explorada, uma vez que seu público necessita de uma formação cidadã crítica para compor a sociedade lá fora que exige, cada vez mais, sujeitos criativos o suficiente para inovar na vida e no mercado de trabalho, principalmente.

Para Kleiman (idem, p. 51)

O leitor experiente tem duas características básicas que tornam a sua leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender.

O leitor experiente lê com objetivos definidos e cria estratégias para compreender o que está sendo lido, é alguém que tem certa habilidade com a leitura e que tanto tira do texto seu significado, quanto dá significado ao mesmo.

Prossegue a autora

[...] o leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo livro do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático) o gênero (conhecimento textual). Daí ser necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado.

Assim, é essencial para o sucesso com o trabalho da leitura em sala de aula, a utilização de um universo textual amplo e diversificado, fazendo-se necessário que o aluno entre em contato com os vários tipos de textos que circulam socialmente, para adquirir autonomia e escolher o tipo de texto que mais se encaixa com o seu gosto ou com as suas necessidades.

Por isso, é importante proporcionar para os alunos diversificadas situações nas quais a leitura esteja em foco, pois se aprende ler lendo e a interpretar o que leu interpretando. No entanto, para se formar um leitor crítico o mais coerente e propor para o estudante leitura crítica.

Para tanto, também são importantes as estratégias de leitura, pois o ato de ler envolve vários tipos de conhecimentos e várias habilidades do leitor ao manusear o texto.

Segundo Kleiman (idem, p. 49)

Quando falamos de ESTRATÉGIAS DE LEITURA, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira como ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.

É importante, para o trabalho com a leitura que se utilize estratégias, as quais, oportunizem aos alunos adquirirem certa familiaridade para abordar o texto, adquirindo intimidade com o escrito e criando maneiras próprias e confortáveis de entrar em contato com a leitura e compreender o que leu.

Também é mister salientar que Kleiman (1998), afirma que as estratégias de leitura são importantes para o leitor apropriar-se do texto, no entanto não são suficientes para garantir que o trabalho com a leitura na sala de aula se concretize, se fazendo necessário, então, um planejamento cuidadoso e principalmente coerente com a realidade do aluno.

A leitura é uma atividade que está presente na escola em todas as atividades que envolvem as disciplinas do currículo. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento. Por isso, precisa se fazer presente na vida do estudante, não como algo paralelo do seu ensino-aprendizagem, mais como alguma coisa essencial para o desenvolvimento cognitivo dos

estudantes e principalmente dentro de um contexto real de leitura e análise de textos, para que o ato de ler possa passar a fazer sentido para os educandos.

Nos últimos dois séculos, a leitura tornou-se uma atividade essencial para indivíduos que convivem em uma comunidade letrada, estando indissociavelmente ligada a outra atividade que também é fundamental para esse tipo de indivíduo que é a escrita, uma vez que as experiências humanas da era moderna e contemporânea encontra-se toda registrada em documentos escritos e para poder se apropriar e dela fazer uso a leitura e a escrita são primordiais.

Diante disso, é possível perceber que são diferentes as circunstâncias nas quais o sujeito necessita e utiliza a leitura, mas o fato é que se precisa entender a todos os homens e mulheres que convivem em uma sociedade, da qual a leitura e a escrita fazem parte, a possibilidade de desenvolver de maneira satisfatória a domínio da leitura, como condição essencial para que estas pessoas possam crescer como cidadãos críticos e reflexivos.

Alunos e professores precisam compreender que a escola é o lugar propício para que a leitura se desenvolva e como já foi citado anteriormente, o ensino médio, é, também uma fase ideal para a prática de uma leitura crítica e criativa, uma vez que a faixa etária dos alunos, nesse nível de ensino, condiz com a criação dessas habilidades, ou seja, os jovens precisam desenvolver seu senso crítico e reflexivo para poder atuar com mais autonomia na vida e também no mercado de trabalho.

É preciso considerar ainda, que para o sucesso de uma proposta pedagógica pautada nos princípios da leitura crítica, faz-se necessário fazer ver ao aluno que o livro é um objeto fundamental para o crescimento dos conhecimentos humanos e servem para ampliar os limites do próprio conhecimento, para extrair informações, desde as simples até as mais complexas, para proporcionar lazer e diversão, até fazer com que o aluno entenda que ler é compreender e a partir dessa compreensão alargar os seus conhecimentos, dentro de um intenso trabalho intelectual que tem o objetivo de proporcionar ao ser humano degustar o prazer do texto, o prazer de se deliciar com o conteúdo de um livro e ser capaz de perceber que tal leitura lhe causou transformações, quer seja nos seus hábitos do dia-a-dia, quer seja na sua forma de pensar e encarar o mundo.

“Heráclito nos ensina que ninguém desce duas vezes no mesmo rio, pois suas águas mudam constantemente.” Nascimento & Soligo (1999, p. 40)

Assim, o texto também se modifica a cada leitura que se realiza, porque o leitor coloca nele suas experiências, seus conhecimentos, aspectos da sua cultura, sua visão de mundo e

também a sua opinião a respeito do tema exposto e a medida que lê o texto, vai ampliando os seus horizontes a respeito do tema que nele está exposto. Por isso, trabalhar com a leitura na sala de aula precisa que se crie situações com as quais os alunos possam ler os textos, não só uma mas várias vezes, para perceber que seu conteúdo é uma fonte inesgotável de informação e de criação de novos conceitos.

Diante disso, é importante também que a escola ofereça condições para que se realize a leitura no seu contexto, dispondo de biblioteca ou sala especializada para tal atividade. Se a instituição dispõe deste espaço, já terá dado um importante passo para a formação do leitor crítico. No entanto, só o espaço em si não é suficiente para assegurar a prática da leitura na escola.

Para Nascimento & Soligo (idem, ibidem) “Exista ou não um ambiente privilegiado, o mais importante é mesmo o trabalho de leitura que se faz. A formação de leitores não depende da existência de um local determinado.”

Dessa forma, um ambiente propício para desenvolver a leitura na escola, favorece as atividades pedagógicas que visam a formação de leitores, mas se a instituição não dispor deste espaço, não é motivo para não realizar um trabalho voltado para o incentivo ao hábito de ler, pois mais significativo do que o local é o trabalho e/ou as atividades que se materializam para seduzir os alunos para o hábito da leitura crítica.

Soligo (1999, p. 53) afirma que

A compreensão da leitura depende da relação entre os olhos e o cérebro, processo que a longo tempo os estudiosos procuram entender. Nas últimas três décadas houve um avanço significativo nessa direção, mas ainda não se conseguiu desvendar a complexidade do ato de ler.

O ato de ler não se resume a atividade de passar os olhos sobre o escrito, é uma tarefa mais complexa e que mesmo frente a inúmeras discussões e estudos a respeito do assunto, ainda não foi possível chegar a um claro consenso sobre o que é como se realiza o ato de ler.

Desta forma, ao propor a leitura para os alunos, é essencial considerar a complexidade do ato de ler para não lhe exigir algo que não é capaz de realizar em relação a leitura de textos.

“O processo de leitura depende de várias condições: a habilidade e o estilo pessoal do leitor, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio do assunto tratado e o nível de complexidade oferecido pelo texto.” Soligo (idem, ibidem)

A leitura está relacionada a vários fatores que são determinantes na construção do hábito e do gosto pela mesma, ao tomar conhecimento do que está escrito, o indivíduo lança mão de diferentes artificios, muitos deles até inconsciente, mas reúne suas forças para compreender o que está registrado. A partir disso, quanto mais lê o texto, mais o seu conteúdo fará sentido para ele.

De acordo com Soligo (idem, p. 58), é possível constatar que “Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto pela leitura e um compromisso com ela –, a escola precisa mobilizá-los internamente, para aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço.”

Aprender ler e se tornar um leitor crítico que além de realizar leitura compreende o texto, exige empenho, tanto por parte do aluno quanto por parte de quem propõe o trabalho com a leitura. É preciso que ambos entendam que não se lê só para aprender a ler, mas sim para responder as suas necessidades pessoais.

Diante disso, faz-se necessário prosseguir com Soligo (idem, p. 58-59), ao afirmar que “Os alunos devem ver na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de dar autonomia e independência. E devem estar confiantes, condição para enfrentar o desafio e aprender fazendo.”

O estudante precisa sentir-se estimulado para desenvolver uma prática constante de leitura, precisa deparar-se com situações com as quais possa raciocinar, refletir e progredir cognitivamente, precisa esforçar-se para se encaixar no perfil do leitor crítico e para isso, dois pontos são de suma importância: o tipo de material utilizado e a proposta pedagógica que se realiza dentro das instituições de ensino.

O tipo de material utilizado, ou seja, os textos que os alunos estão lendo é essencial para que possa adquirir uma visão mais crítica do mundo e da sua realidade e também para que adquira mais autonomia ao sair de um texto de linguagem mais simples e conteúdo mais comum para outro de linguagem e conteúdo mais complexo. Assim, a medida que se aprofunda em leitura de textos mais formais e/ou científicos, vai se apropriando de outros tipos de leitura e reordenando suas estruturas mentais para efetivação desse tipo de trabalho.

A proposta pedagógica, consiste em oportunizar o aluno prática de leitura de fato e não pode ser entendida como atividades de leitura que se desenvolve no dia-a-dia da sala de aula. Precisa ter objetivos claros e bem definidos e proporcionar ao aluno atividades que se assemelhem com as práticas sociais de leitura, nas quais os educandos possam refletir sobre o que já sabem e desenvolvem e o que ainda não sabem, mas podem aprender para se tornar um leitor crítico.

No estudo sobre a formação do leitor crítico, é pertinente considerar que formar um leitor com esta característica é também desenvolver uma prática de leitura que desperte e cultive o desejo de ler, ou seja, uma prática pedagógica eficiente que dê suporte ao aluno para realizar o esforço intelectual de ler não só textos simples, mas também aqueles nos quais precisará utilizar e pôr a prova todas as suas estratégias de leitura.

Para Eco (2000, p.31) “Um texto é um universo aberto onde o interprete pode descobrir uma infinidade de conexões.” Ou seja, um texto é um conjunto de significados amplos e abertos e permite ao leitor mergulhar nele e relacioná-lo com outras diferentes situações com as quais tem contato no seu dia a dia e/ou com conteúdos das mais diversas áreas de conhecimento, proporcionando a quem o lê preencher as lacunas deixadas pelo escritor para que a este mesmo texto, seja acrescido, novas idéias e argumentos, com o intuito de que a cada leitura, sejam criadas expectativas novas em relação ao seu conteúdo.

Diante disso, é preciso esclarecer que o texto é amplo, mas no entanto não cabe a ele todo tipo de interpretação, como se qualquer entendimento servisse para explicar as suas entrelinhas, cabe nesse caso, uma certa harmonia entre as idéias, ou seja, uma coerência entre o que está escrito e o que é possível compreender a partir da leitura do mesmo.

Na perspectiva de formar um leitor crítico, pretende-se formar alguém que a medida que lê, procura no texto um código secreto, procura definir as estratégias que produz que produz modos infinitos de compreender o texto. Analisar criticamente um texto, significa procurar mostrar como agem seus personagens e/ou está exposto o seu conteúdo, a fim de criar alternativas que o torna suscetível de inúmeras interpretações, considerando que a interpretação de um texto nunca pode ser única e definitiva. Eco (idem).

Entende-se que é uma necessidade formar o leitor crítico e argumenta-se também que fazer do aluno um leitor com este perfil é uma urgência dentro das instituições escolares.

Em alguns casos, o rendimento escolar de determinados alunos é marcado pelo fracasso, em virtude de não serem bons leitores e conseqüentemente, bons interpretadores de

textos e/ou enunciados, que não estão presentes só em Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas do currículo escolar.

Ao desenvolver habilidades de leitura crítica, certamente este aluno passará a desempenhar-se melhor nas demais disciplinas com as quais tem contato na escola.

Diante disso, é mister considerar que o desempenho acadêmico dos estudantes está intimamente ligado com o desenvolvimento da competência leitora de cada um.

Para Solé (1998, p.22)

O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; ampliar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc.

Mas essa variedade de objetivos e finalidades que se concretiza na leitura, não oferta aos leitores, apenas conhecimentos e experiências, mas várias possibilidades de se transmitir informações.

Os textos que lemos também são diferentes e oferecem diferentes possibilidades e limitações para a transmissão de informação escrita. não encontramos a mesma coisa que em um livro de texto, em um relatório de pesquisa que em um romance policial, em uma enciclopédia que em um jornal. Solé (idem ibidem)

É importante que o leitor perceba que existem várias possibilidades de se transmitir uma informação através de um texto e que o mesmo varia à medida que muda o conteúdo que está exposto, mas não é só isso, muda também a estrutura do texto. Um texto informativo tem uma linguagem objetiva e não se confunde com os textos de natureza literária ou artística, que utiliza a subjetividade, e a criatividade prevalece para encantar o leitor. Que por sua vez difere-se do texto narrativo, uma vez que relata fatos e acontecimentos e do texto descritivo, que representam objetos e personagens que participam do texto narrativo. Já o texto argumentativo, procura convencer o leitor, propondo ou impondo uma interpretação.

Dando seguimento, a autora afirma que:

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma idéia sobre seu conteúdo, extraíndo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isto só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. Solé (idem, p.31-32)

A preocupação do trabalho com a leitura, centra-se na necessidade de fazer com que o leitor entenda o texto e seja capaz de manuseá-lo de diferentes formas para resultar em uma leitura significativa e crítica. É preciso que o leitor sinta-se motivado a interagir com o texto, para buscar várias formas de entender o seu conteúdo.

“Ler é um procedimento, e se consegue ter acesso ao domínio dos procedimentos através da sua exercitação compreensiva.” Solé (idem, p.117)

Para formar um leitor crítico, o exercício da leitura é imprescindível, de um tipo de leitura que permita ao leitor discorrer sobre o texto e criar possibilidades para compreender suas entrelinhas e a medida que realiza novas leituras, cria novas alternativas para construir seu significado cada vez com mais autonomia.

### **3. ABORDAGEM METODOLÓGICA**

A questão abordada neste trabalho procurou investigar como o aluno do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Ruy Barbosa, de faixa etária entre 14 e 21 anos de idade, poderá se tornar um leitor crítico.

Em princípio, realizou-se uma entrevista com os 40 alunos do primeiro ano do ensino médio, para obter informações concretas acerca da situação da prática de leitura vivenciada pelos mesmos.

Após a entrevista escrita, ocorreu um momento para o diálogo e a exposição de pontos de vista a respeito da leitura na sala de aula, a fim de que os estudantes trocassem opiniões.

Após a apropriação da situação na qual encontrava-se o trabalho com a leitura na série envolvida, foi o momento de selecionar os textos coerentes com o perfil da turma, com o intuito de levar para a sala de aula algo significativo e capaz de envolver o aluno, que por sua vez, pudesse estabelecer relações entre o que sabia e o que estava aprendendo.

Para tanto, solicitou-se aos alunos que trouxessem para a sala de aula o maior número possível de textos diversificados, para que possam manter contato com os diversos tipos de textos que circulam socialmente.

Depois de selecionar o material necessário para realizar a experiência, organizou-se estratégias de leitura, para apresentar os textos aos alunos.

Daí, foi possível partir para as situações de leitura e interpretação textual em pequenos grupos, para posterior apresentação; também foram propostas outras atividades a partir dos textos trazidos pelos alunos, como leitura, interpretação e produção escrita do que foi compreendido a partir da leitura.

Realizou-se também uma experiência com a interpretação de diferenciados estilos textuais, para que os alunos analisassem as diferentes formas nas quais as palavras podem ser empregadas.

Em seguida, aconteceu o momento de gravação da aula em áudio, e logo após a transcrição da mesma.

Sequenciando as ações, se deu a análise das aulas, que proporcionou mais clareza ao professor, da real situação na qual se encontra a leitura nesse nível de ensino.

Assim, foi possível também fazer intervenções junto aos estudantes, segundo os objetivos propostos.

Diante das intervenções, houve nova gravação e transcrição das aulas, que permitiu traçar um paralelo entre o antes e o depois, possibilitando o avanço das atividades.

Realizou-se então a análise final dos dados coletados, e em cima dessa análise final, foi possível estabelecer comparações entre o conhecimento e a prática da leitura que esses alunos tinham antes dessa experiência com a leitura crítica e os que apresentavam após adquirirem novos hábitos e valores a respeito dessa prática tão essencial para a formação cidadã dos seres humanos.

Nessa condição, preocupou-se principalmente com a diversidade de gêneros textuais, uma vez que a escola não dispõe de biblioteca e também os alunos não compartilham, em suas comunidades, de um ambiente favorável para a prática de leitura, de uma leitura crítica, criativa e sugestiva o suficiente para sensibilizar os estudantes frente a uma formação saudável e solidária.

Após a finalização das atividades que integraram este projeto, os alunos organizaram uma coletânea dos textos mais significativos e de gêneros diferentes, para serem trabalhados nas aulas de língua portuguesa e a partir disso, procederem com a análise crítica para continuar com a perspectiva de construir um perfil de leitor crítico, que lê e entende e é capaz de extrair do que leu seu conteúdo mais significativo.

A práxis constituiu-se em entrevistas com os alunos que vivenciaram a experiência, bem como, através da observação realizada durante a experiência.

#### 4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Mediante os dados coletados, partiu-se para a redação dos resultados finais, que oportunizou a abertura de um novo olhar para o trabalho com a leitura crítica no ensino médio e conseqüentemente a formação do leitor crítico, fator primordial na construção de uma sociedade mais justa e criativa.

Na busca pela democratização do acesso à escola, o estímulo a leitura deve ser encarado como um dos fatores principais para que os sujeitos envolvidos nesse processo de aquisição de conhecimentos, sintam-se necessariamente inter-relacionados com os saberes e as práticas que estão adquirindo e utilizando para construir conceitos e conteúdos mais apropriados para a sua formação intelectual.

Partiu-se do pressuposto de que a leitura é uma necessidade básica de todo indivíduo que integra uma comunidade letrada, e que como tantas outras ações humanas não é tão fácil de ser praticada.

Entretanto, constitui-se uma necessidade e perpassa desde a leitura de um rótulo de alimento no supermercado até as leituras que trazem a tona uma época, um povo, seus hábitos, valores e costumes, precisa ser uma prática com a qual os sujeitos estejam, ou pelo menos procurem estar familiarizados, para o seu próprio bem e para que possa conhecer e respeitar o trabalho do outro.

Assim, o desenvolvimento da competência leitora dos estudantes não se dará, entretanto, através da decodificação de códigos ou da memorização mecânica para posterior reprodução. Mas sim, através de uma proposta centrada na leitura como atividade principal que como tantas outras precisa ser estimulada pela escola, pelo fato de ser ela um espaço privilegiado para a aquisição de conhecimentos, e que para boa parte dos estudantes é o único local em que entram em contato com os conhecimentos sistematizados.

Depois da realização desta experiência, verificou-se que os alunos, com os quais trabalhou-se, não realizam leituras críticas, estão arraigados a decodificação de palavras para formar frases e frases para formar textos, mas não são capazes de entender o que lêem e discutir sobre o que lhe transmitiu o texto lido.

Isso acontece em virtude das práticas de leitura com as quais estes alunos estão habituados, desde as séries iniciais de sua escolarização.

Os mesmos não são estimulados a refletir e não são desafiados com situações que exijam dele o exercício da criticidade e isso fez com que estes estudantes se acomodassem com as práticas tradicionais de leitura, nas quais o professor era o detentor do saber e os alunos apenas precisavam passar os olhos no texto escrito e depois recortava alguns trechos para preencher o que era considerada a interpretação textual.

Ao se depararem com situações novas envolvendo a leitura, os mesmos, sentiram-se amedrontados, uma vez que também não cultivavam o hábito da leitura e para a construção de uma concepção crítica de leitura, é essencial uma prática constante, em leitura de textos críticos, que possam oferecer possibilidades de fazer com que o educando, ao ler, descubra que por traz da articulação das palavras, circulam o significado do escrito, a mensagem que ele quer transmitir.

Em suma, os alunos do primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Ruy Barbosa-RN, não estão em um nível de realizar leituras críticas, pela falta de atividades desta natureza em seu currículo escolar, não só no que compete a disciplina de Língua Portuguesa, mas também nas demais disciplinas que integram a grade curricular do ensino médio, uma vez que a leitura crítica é um fator essencial para o desenvolvimento intelectual do aluno em todas as áreas do conhecimento e depositar a responsabilidade só a Língua Portuguesa é sobrecarregá-la, uma vez que cabe a ela transmitir para estes alunos, uma gama significativa de outros conteúdos essenciais para a sua formação.

## **5. RECOMENDAÇÕES FINAIS**

Considerar que o aluno do primeiro ano do ensino médio, ainda não é capaz de realizar a leitura crítica de um texto, é um fato preocupante que faz com que seja suscitada imediatamente a necessidade de se rever que práticas estão sendo desenvolvidas para formar o leitor crítico.

Ao realizar-se uma experiência com a leitura crítica no primeiro ano do ensino médio, detectou-se que a ausência de contato do aluno com a quantidade de textos que circulam socialmente, por não ter em casa, por a escola não ter biblioteca e as práticas de leitura que se desenvolveram desde as séries iniciais da sua escolarização não contemplarem textos de diferentes gêneros, fazem com que este aluno não tenha o hábito da leitura e

consequentemente leia apenas para já realizar outra atividade, para responder provas e/ou exercícios propostos por disciplinas do currículo, enfim, utilizam a leitura como um instrumento para alcançar outros objetivos que não são o de entender e refletir criticamente sobre o conteúdo do texto.

É preciso considerar que o ensino médio acolhe alunos em uma faixa etária em que o desafio faz parte do seu dia-a-dia, e faz-se necessário valer-se deste artifício para desafiá-lo a ler para entender, para conhecer e para extrair conteúdo do texto; ler para se apropriar do conteúdo da experiência humana acumulada ao longo do tempo e ler para tornar-se um sujeito crítico, reflexivo e um cidadão imbuído de princípios éticos, morais e sociais para nortear sua inserção social.

Diante disso, o mais importante é que os alunos sejam orientados para a realização de atividades de leitura, que despertem o seu senso crítico e principalmente desperte o gosto e estimule o hábito da leitura uma vez que formar um leitor crítico requer uma prática constante de leitura crítica.

Frente ao crescimento acelerado das novas tecnologias de comunicação e informação, faz-se cada vez mais necessária a formação de leitores críticos que sejam capazes de ler e compreender o que leram, para que possam compreender melhor o mundo e a sua própria realidade.

Diante disso, é preciso preocupar-se também com a formação do professor no que compete a leitura crítica, por entender-se que muitos desses profissionais não gostam de ler e/ou não cultivam este hábito e por isso não desenvolvem práticas de leituras eficientes em suas salas de aulas.

Com os procedimentos citados anteriormente, atingiu-se os objetivos propostos, contribuindo para a formação de leitores críticos, sensibilizados de que essa formação não depende de uma prática de interpretação de textos, mas de uma constante atividade de leitura.

Vale a pena argumentar ainda que para se realizar um trabalho significativo com a leitura o qual possa resultar em um leitor crítico, é preciso se desprender de atividades de reprodução que visam tão somente fazer o aluno/leitor passar os olhos sobre o texto, decodificando as palavras e se prendendo a superficialidade do escrito.

Nesse âmbito, formar o leitor crítico é uma necessidade de se construir cidadãos também críticos, para lutarem por seus espaços na sociedade e no mercado de trabalho, sendo autônomos e realizando seus ofícios com eficiência.

## ABSTRACT

Treats of the realization of an experience with the critical reading in the high school, objectifying the formation of the creative and critical reader, capable of to utilize the reading in favor of your moral, social-cultural and intellectual formation with the purpose of integrating the social life and the job market. For this, was operated under theoretical bases that subsidize the theme and provide theories capable of to orientate the teacher's pedagogic practice. Was still used an cohesive methodology with the reality so much of the student as of the school in that the experience was realized, starting of a diversified range of textual gender and passing by strategies of reading that had as main focus the cognitive development of the involved students and finalizing with the analysis and comparison of the data collected that later will serve as base to that the reading becomes in habitual practice inside of our schools and also in the life of each individual that crave a critical citizen formation. The results, collected through interviews after the accomplishment of this experience and through the observation accomplished during the experience, demonstrated that for the lack of an effective practice, the researched student, doesn't demonstrate abilities with the accomplishment of a type of reading that goes besides the decoding of words and phrases, being verified that to form a critical reader doesn't depend only of placing the student to read, but yes to practice constantly the reading of the several texts that circulate socially and to extract of them the content most significant.

**Key words:** Reading; Reflection; Action – Education.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. (Cadernos da TV Escola) v. 1 - Português. NASCIMENTO, Cecília Regina do & SOLIGO, Rosaura. **Leituras e leitores**. - Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. (Cadernos da TV Escola) v. 1 - Português. SOLIGO, Rosaura. **Para ensinar a ler**. - Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. (Cadernos da TV Escola) v. 1 - Português. VELIAGO, Rosângela. **Como ganhar o mundo sem sair do lugar**. - Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnologia. - Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. (B)

\_\_\_\_\_. **PCN + ENSINO MÉDIO: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. / Secretaria de Educação Média e Tecnologia. - Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. (A)

CHIAPPINI, L. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e para-didáticos**. Vol. II. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ECO, Roberto. **Os limites da interpretação**. Editora Perspectiva: São Paulo, 2000.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

KUENZER, Acacia (Org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 3ª ed. Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. - São Paulo: Cortez, 1994. - (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor)

MOTA, Sônia Rodriguês. **A família e o leitor**. Fundamentação Vitae / Casa da leitura / Proler. Rio de Janeiro, 1994.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOLÈ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.